

POEMAS

TELÚRICO

Helena Kolody

Adormeceu o camponês velhinho,
recostado na árvore irmã.

Sonha que seus pés deitam raízes,
são ramos sussurrantes os seus braços,
onde as aves do céu tecem os ninhos.

Zumbem ao redor
as louras abelhas.

Sonha que se integra na paisagem,
devolvido ao barro original.

EMIGRANTE

Helena Kolody

Arfa, no porto, o mar.
Soluça dentro dalma do emigrante
o longo apito do navio em despedida.
Treme, na lágrima do olhar,
a paisagem da pátria.

Mas, o apelo fascinante do mar
acorda seu desejo de aventura,
o anseio de partir
em busca de uma terra prometida.

Quem dilacera assim,
entre a saudade e a esperança,
o coração do emigrante?
É a vida... é a vida... é a vida.

TRÍPTICO

Helena Kolody

I

Sempre me seguiu em segredo,
paralela à vida,
sombra de meu gesto,
rastro de meus passos.

Habituei-me à sua presença.

Quando me cingir,
dormirei em seu regaço materno
o grande sono sem sonhos.

II

Fascina-me o sol de Teu reino,
o mistério do outro lado.

Temo, porém, as sombras do vale.

Segura a minha mão, Pai,
na hora de passar.

III

Antes de transpor o horizonte,
percebo, enfim,
que a vida sempre foi radiosa.
A tristeza
não estava na vida,
morava em mim.

PASSADO PRESENTE

Helena Kolody

Ilusório regressar,
pelos caminhos de agora,
aos dias que se apagaram.

O rosto de ontem murchou.
Lugar que foi, não é mais.
O viver é diferente.

Em nós, porém, tudo existe
e não se extingue jamais.

Vida guardada em lembranças,
a saudade nos devolve
todo o presente de outrora.

LÍNGUA LUSITANA

(Língua Portuguesa de Olavo Bilac)
Trad. O. Portella

Ultime flos Latii, inculte et belle,
Eodem tempore splendor et sepultura,
Aurum nativum quod in mole impura,
Rudis fodina inter glareas velat.

Amo te sic, ignota et obscura,
Tuba magni clangoris, candida lyra,
Quae habes procellae sonitum et sibilla,
Amoris solitudinisque gemitus.

Amo tuam formam rudem et odorem
Inviolatae silvae et oceani lati!
Amo te o rudis et dolens sermo

In quo voce materna audivi: "Mi fili!"
Et Camo ploravit in exilio amaro
Infelix ingenium amoremque opacum.

ROBOTHOMEM

Oswaldo Portella

Estranho neologismo a vida cria
Enquanto mais moderna ela se torna;
O Homo Sapiens na máquina se enfia
E sai do outro lado o robothOMEM.

De parto bestial nasceu um ser híbrido
Que assusta só crianças: lobisOMEM;
De outro parto mil vezes mais terrível
Surgiu um outro monstro: o robothOMEM.

Por braços tem poderosas tenazes,
Na boca, com seus dentes de engrenagem,
Qual Saturno os seus filhos dilacera

Em troca de vantagens tão falazes.
Como é que pode ser de Deus a imagem
Quem no coração só maldade encerra?

O PAVÃO SE QUEIXA A JUNO

Oswaldo Portella

Ó Juno, ó Juno! — grita o pavão,
Nenhuma fortuna os deuses me dão!

Por que eu não tenho a voz do sabiá
Que canta e encanta a todos por cá?

De mim todos riem se abro meu bico,
Ó Juno, ó Juno! tão triste eu fico!

Ah! Deixa tua queixa, ó tolo pavão,
Os deuses te deram o mais belo dom!

Ninguém se compara a ti em beleza,
O porte garboso te faz uma alteza!

No belo pescoço brilha a esmeralda
E abres em leque a mais bela cauda!

Ó Juno, ó Juno, de que adianta
Se a muda beleza já não encanta?

Os deuses às aves cedem os dons
E todas recebem justo quinhão:

A ti formosura, à águia vigor,
Ao corvo augúrio, à gralha lavor;

As outras contentes estão com sua sorte,
Tu tão somente desprezas teu dote.

Não tentes mostrar o dom que não tens,
Feliz tu serás, inveja a ninguém.

O CÃO FIEL

Oswaldo Portella

Ladrão toleirão
Ladrão toleirão
Se pensas tapar-me
A boca e usar-me
Que não ladre não
Que não ladre não

Pois muito te enganas
Conheço a chicana
Da côdea de pão
Da côdea de pão
De ti não aceito
E só me deleito
Da mão do patrão
Da mão do patrão
Se pensas que lucras
De mim quando buscas
Cooperação
Cooperação
Pois perde a esperança
De mim nada alcanças
Sou fiel ao patrão
Sou fiel ao patrão

POEMA

Sigrid Renaux

sou livre,
imponderavelmente livre
nas águas,
ser flutuante
no ventre do universo —
pássaros e nuvens pousam comigo
entre azuis marinhos e celestes —
e ouço,
entre o arfar das ondas,
minha respiração —
poderosa como o próprio arfar da terra
no seio
das águas.

ESPERANDO O CORCEL ALADO

(“Esqueço, esqueço sempre que não tenho
o corcel alado”. Tagore).

Adelaide M. Villa

As gazes róseas ao sabor da brisa marinha
armaram-se em corolas
elevaram-se como pássaros
adejaram quais asas febricitantes
fugindo do meu corpo deslizante

rorejado pelo rocio da vaga explodindo;
olhos ansiosos pesquisando o verde profundo
imaginando-o campina ondulante
para o roçagar da flor
desatando-se em pétalas
delicadeza de pássaro
alisando sua plumagem
transparência da borboleta
detendo-se em beijos
na espera da tagoreana montaria
que me levaria à ternura eterna...

A tentação superou o medo do ignorado
incitando-me à corrida fantasiosa
guiando o corcel alado
deixando rastro de perfume
fru-fru de asas
sabor de nectar
delírio de deslumbrante rosal
milagre das gazes esvoaçantes
aumentando meus desejos viageiros
rumo aos confins do mar
à moradia de eterna ternura
região de paz
éxtase sublime
com que a alma vive a sonhar
e aonde o corcel sabe como chegar.

PRELÚDIOS

Adelaide M. Villa

Esta carência de coisas novas
de paisagens desconhecidas
de emoções apenas intuídas...

Esta fadiga indefinível
por esforços não realizados
esquecendo êxitos passados...

Este despojamento de defesas
esta entrega sem resistência
aos vários volteios da existência...

Serão prelúdios de “eu” diferente
remorsos de males não atender
desejos de só com a ventura conviver?

TRES POEMAS PARA LOS HERMANOS MUERTOS

Miguelina Soifer

I

Vivir es hendir, cortar, nadar, somorgujar un cuerpo
con eje de equilibrio acuoso tiempo.
Pero vendrá la metamorfosis:
os lo advierto.
Estáos preparados para la explosión en el pecho
para cubrir los pálpitos de las arterias asombradas
para clausurar el latido vivo de las vísceras.
Estáos preparados para la pérdida de la vida
para el acceso a las islas sin suelo
para el circuito de la sangre traslúcida.
Y no temáis el oleaje de invasiones sucesivas de la nada
[anegando vuestros ojos
porque ciegos arribareis sin grito a las ingravidas playas
[transparentes.
Os lo advierto.

II

El hombre es signo de opacidad, sin duda.
Y capaz de movimiento
y no sobrevive a las catástrofes.
El roer del hombre muerde el universo creado
la marca de su ojo como uña
la mordida del hombre;
pero la Niebla que lo trasciende nada graba
aureola indistinta
bruma indescifrada.
Todo el aprendizaje de soledad creciente por la tierra
no es suficiente al hombre:
deverá devorarlo
el inaudible solo de la nada gimiendo a sus oídos yertos.
Y el hombre no es para la vida.
Las flores del hombre duelen de florecer
y — rojas llamaradas — entero le consumen.
El tiempo le transborda y yace
cuerpo velado por fuegos
entre sus luminosas aprehensiones.

III

El párpado cerrado guardará la negra imagen del solo ojo
pero se irisará lo uno en un espectro séptuplo

siete veces infinito
infinitamente séptuplo
Se irradiará lo circular cerrado
se irradiará
hasta la concordancia con la esfericidad
de lo Oculto.
No tardarán los tiempos
no tardarán
como capullos juntos que se entreabren juntos
se entreabrirán
unísonos cual dedos florecerán
todos los tiempos florecidos en simultaneidad.
Se abrirán ignorados
se sorberán las almas en simultaneidad,
los iris espestrados en eternidad.
Se quemarán fuegos vivos de irrealidad,
arderán fuegos altos.
Consumiendo límites focos prenderán en vuestros cabellos
y os ascenderán
elevándose en pureza
y os alejarán.

CANÇÃO

Brunilda Reichmann Lemos
13.04.83

Preciso anotar esta canção antes que eu perca a memória
Preciso cantá-la antes que venha a aurora
Uma canção de Ismália
Que na torre enlouqueceu
Doremifá
Preciso
Preciso
Preciso cantá-la antes que a lua se esvaia
Preciso acabar esta canção antes da hora
Do pranto, da prece
Preciso cantar o ponto que se perdeu no infinito
Preciso contar o fato que se tornou circunscrito
Preciso cantar agora
Preciso cantar
Preciso
Preciso cantar agora
A canção de Ofélia à beira do rio
Doremifá
Preciso aprender com as águas

Toadas de ribanceira
Preciso trazer dos becos
Os ecos de pederneiras
Preciso aprender com a vida
Aquilo que a morte pratica
Preciso cantar
Preciso
Antes que venha o arrebol
Antes que o pássaro amigo
Desperte o companheiro antigo
Preciso cantar agora
Quando Ismália enlouçoeceu
Pos-se na torre a cantar
Quando Ofélia enlouqueceu
Pos-se desvairada a entoar
Doremifá
Preciso cantar agora a canção que nunca fiz
Preciso saber agora da rima e do matiz
Preciso de sua esmola
Lua gélida de prata
Preciso do seu acalanto
Antes do meu despertar
Preciso cantar
Preciso
Preciso cantar agora
Preciso

NOITE DO ABSOLUTO

Brunilda Reichmann Lemos
Janeiro 1983

O choro convulso na alameda de pinus
Ave Maria cheia de graça
A arredar a ladainha do padre que se impregna inoportuna
O Senhor é convosco
Bendita sois vós entre as mulheres
O choro convulso
Dezenas, centenas de anos num soluço contido
E bendito é o fruto de vosso ventre Jesus
Noite de trevas convulsas
Loucuras
Santa Maria Mãe de Deus
Angústia tresloucada
Força mais forte que a vida
Dor mais forte que a morte

Rogai por nós pecadores
Maldita sou eu entre as mulheres
Maldita a hora da concepção
Maldita a hora da consumação
Agora
Maldita a semente que gerou
Maldito o óvulo que fecundou
Maldita a hora que chegou
Quando foi isto o que restou
E na hora de nossa morte
Choro convulso da alameda de pinus
Via única
Sem retornos
Sem paz
Sem trégua
Sem luz
Amém.

LOREINA SANTOS-SILVA: a poesia de Puerto Rico

Cecilia Zokner

De sua cátedra na Universidade de Mayaguez, ela disкорre, com paixão, sobre Literatura. Em outros momentos, pode ser uma ativa presidente do Primeiro Congresso de Criação Feminina, realizado na Universidade. Mas, essencialmente, e sempre, Loreina Santos-Silva é uma poetisa. Uma poetisa apaixonada, inquieta, voltada para a vida e para o sentir do ser humano. E, nunca, esta sua faceta se mostrou com tanta força como no seu último livro de poemas *Vocero del mar*, expressão dos homens do mar, voz que, por razões que tão bem conhecemos, dificilmente terá condições de ser ouvida. Loreina Santos-Silva lhes deu uma voz ao fazer suas as palavras dos pescadores portorriquenhos o que ela, aliás, deixa bem claro ao explicar o processo criativo desses versos: "Debo reconocer que el estilo del libro "Vocero del mar" es tanto de los pescadores como mío. Esto lo podrán comprobar al leer una entrevista típica y el poema que surje de la misma". O que é, realmente, possível no que se refere ao segundo poema do livro. O tema do primeiro, Loreina Santos-Silva o narra com suas próprias palavras e quanto à fonte dos demais, são apenas referenciadas em notas no final do livro. Porque toda a matéria poética de *Vocero del mar* nasceu de um diálogo diante do mar que a poetisa manteve com um pescador. O relato que dele escutou ficou a se agitar na sua cabeça e ela decidiu recolher pedaços de vida, de histórias das pelejas dos pescadores com as águas. Para isso

vai até os povoados de pescadores para esperar o seu regresso e, então, fala com aqueles que julga os mais representativos, os mais antigos na arte da pesca. Saturada de suas narrativas espera que o poema aflore.

Vocero del mar contém quarenta e um poemas. Vinte e nove tem origem em entrevistas com os pescadores que são citados nominalmente em nota a cada poema. A fonte dos outros doze são relatos ou lendas contadas coletivamente. Assim é o milagre dos peixes que se repete, é a visão de objetos fosforescentes e estranhos, é a morte d um pescador, é a loucura da mulher para quem o mar devolve o marido morto, é a espera de um cão pelo dono que não volta.

No todo, como que a dialética do homem e do mar. Um mar imenso, fonte de vida ao oferecer os seus frutos e razão de morte ao ganhar a batalha travada pelo homem pela sua sobrevivência. Um homem-herói ao voltar com as redes cheias, vítima quando chega arrastado, atirado na areia. Subjacente, a dialética da voz primeira, recriando a experiência vivida com a voz que está vivendo o momento criativo.

POEMA XXXVI

(dedicado a Anna Loreina)

¿Qué cosa tiene la niña?
Lleva el párpado prendido
con alfileres de riña...
Allá lejos la corriente,
—una fuerza enloquecida—
arrastra a los pescadores,
se los lleva a la deriva...
¡Ya rompe el escalofrío
el hondanal de la herida!

¿Qué cosa tiene la niña?
Lleva el párpado prendido
con alfileres de riña...
En la playa, ojos de plomo
recordando están la noche...

“Espuma y ola salvajes
le trajeron a la orilla
aquel rostro que en su boca
bebiera el jugo de vida...”

Bote que lleva la mar
no te olvides de la orilla
porque en la arena te aguarda
la soledad de una niña...

POEMA XXXVII

Ay, el perro, ¡cómo mira
la ola de mar adentro
que se arrima hasta la orilla!
El amo en el torbellino
pierde el hábito de vida...
Ay, el perro, ¡cómo mira!
Ya no recuerda aquel bote
que se fuera mar adentro
como un pez a la deriva...
Ya no recuerda unos ojos,
reflejos en sus pupilas...
Ay, el perro, ¡cómo mira!
Cuerpo y ánima de piedra
buscan en el horizonte
del amor la ansiada espiga
y una lágrima de sal
aún le tiembla en las pupilas...

POEMA IV

Corriendo estaba la sirga
tras un pez en alta mar,
¡ay, de pronto pica el bruto,
turbulento medregal...!
Ya me arrastra por las ondas
eróticas de la mar...
¡Con un cansancio de siglos
bogando mi cuerpo va!
Escucho en la lejanía
al duendecillo del juego
peligroso de la mar
tarareando una cantiga
más vieja que la verdad:
 “Una noche de borrasca
 me agarra la tempestad
 mi barea trepa las olas
 —cabra del monte en la mar...”
Albergando la esperanza
de romper la soledad
me voy camino a la orilla
con el fulgor en los ojos
del fuego del más allá...